

Pessoal docente

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos lecciona nesta escola? Faz parte de algum órgão directivo da escola?

R: Tenho 31 anos. Sou licenciada em ensino da música na área de Formação Musical. Lecciono nesta escola a disciplina de Formação Musical há um ano e acumulo o horário em mais duas academias aqui próximas.

P: Considera-se um professor activo e interventivo na vida da escola?

R: Tento ser activa e estar o mais actualizada possível. Nas minhas aulas esforço-me por cativar os alunos o mais que possa e ter com eles uma boa relação. Nem todos os dias temos a mesma disponibilidade mas no geral tento intervir a até me envolvo demais. Procuo fazer as coisas o mais direitinho possível.

P: Os contactos que mantém com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola são efectuados com que finalidade? Como procede para resolver assuntos de carácter administrativo? E pedagógico?

R: Sabe, ainda não conheço muito bem as pessoas que integram os órgãos. Da Direcção Pedagógica (DP) conheço as pessoas e são essas pessoas que eu contacto mais frequentemente quando preciso de esclarecer algum assunto relacionado com o funcionamento ou com algumas coisa relativa aos programas para estar inteirada do que aqui se pratica. Basicamente por isso ou se tenho alguma coisa a perguntar sobre os alunos ou algo desse género. Os assuntos de carácter administrativo normalmente dirijo-me à DP que depois me encaminha para o local a que me devo dirigir ou então vou directamente à secretaria que da mesma forma me orienta.

P: Os problemas e assuntos que coloca ao director pedagógico/direcção pedagógica têm sido por norma resolvidos ou eternamente adiados?

R: Normalmente são imediatamente resolvidos. Não me estou a recordar de nada que tenha ficado para trás. Também não tenho necessitado de colocar grandes questões ou problemas que precisem de uma rápida resposta.

P: Quando propõe algum assunto que considera de interesse para a vida da escola a sua opinião normalmente é aceite?

R: Ao nível da escola sou bastante reservada. O meu estilo não me permite ser muito expansiva, tornar-me muito visível ou até de dar uma imagem de grande dinamismo. Muitas das vezes prefiro ouvir as opiniões dos outros e, se gosto, aplico e aceito. Talvez por ser ainda nova na escola e pelo meu feitio um pouco introvertido, por vezes tenho receio de propor alguma coisa que se calhar poderia ser interessante. Com mais experiência talvez venha a mudar a minha forma de ser, quando devo ou não intervir e como participar mais activamente.

P: E nas reuniões de grupo ou disciplinar não apresenta propostas de trabalho?

R: As reuniões são poucas. Muitas das vezes os nossos contactos são mais no corredor, fala-se mais assim informalmente do que propriamente em reuniões. No início do ano, como era nova na escola, perguntei qual era o programa e disseram-me que era o programa praticado na escola pública a que a escola está ligada. Como conheço bem esta escola, por lá ter estagiado, comecei a leccionar os conteúdos programáticos respeitando as directrizes aí estabelecidas. Todavia, venho a aperceber-me que, afinal, o programa leccionado nesta escola pelos outros professores é substancialmente diferente daquele que é leccionado na escola pública. Nesta medida acho que há aqui uma falta de coordenação. Aliás para o próximo ano lectivo penso abordar este assunto para que se estabeleçam critérios semelhantes e se respeite o programa para que todos falemos a uma só voz.

P: Mas o que está a dizer não se resolveria se as pessoas se encontrassem mais e debatessem estes assuntos de natureza pedagógico-didáctica?

R: Sim, por vezes não se fazem reuniões porque as pessoas acham que é mais uma perda de tempo, mas, no fundo, há essa necessidade, eu sinto-o.

P: As decisões de âmbito pedagógico e administrativo determinadas pelos superiores hierárquicos têm sido geralmente bem aceites por todos ou têm sido contestadas?

R: Não tenho conhecimento de grandes decisões que tenham sido abertamente contestadas. Lembro-me de uma decisão que gerou uma certa polémica. A anterior direcção tinha acordado com os pais prolongar o ano lectivo mais duas semanas. Isso originou no grupo dos professores alguma contestação. Houve quem não tivesse gostado muito da ideia. Eu, como era nova, aceitei, até porque já me tinha sido dada essa informação quando a DP definiu comigo as condições de trabalho. Também pelo meu feitio não sou assim muito de ir à luta. Se calhar aceito as coisas, prefiro aceitá-las do que criar conflitos.

P: Mesmo que a prejudiquem naquilo que são os seus direitos?

R: Bem, não fico muito contente como é óbvio. É como digo, tenho uma postura própria e isso não consigo mudar facilmente. Para o próximo ano há a promessa de que as coisas irão alterar-se para melhor mas, até este momento, não sabemos nada de concreto.

P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?

R: Sim, parece-me que sim. Nas reuniões em que participei os professores foram instigados a participar e a propor novas ideias, a dar sugestões de actividades. O que acontece é que nem todos participam nem se querem envolver.

P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?

R: Sinceramente, não sei bem. Normalmente quando preciso de alguma coisa ou quando não sei algo dirijo-me à DP: acho que conforme os órgãos

cada um tem a sua parte de responsabilidade. Agora se algum se sobrepõe a outro é difícil dizê-lo.

P: Mas vê alguém que tenha maior visibilidade?

R: Para mim parece-me que a DP tem prevalência sobre todos os outros, tem uma voz mais forte.

P: Na sua perspectiva vê alguma vantagem na participação de actores externos na vida da sua escola, como pais e outros elementos da comunidade?

R: Acho que tem vantagens. No entanto tudo depende do espaço que lhes for dado. Se for demasiado aberto podem extravasar as competências e criar alguns conflitos. Mas a sua participação é positiva. As regras devem estar previamente definidas para que cada um saiba o lugar que ocupa.

P: Se por um dia lhe fosse concedido o poder de mudar algo na sua escola, o que faria preferencialmente?

R: Como lhe disse isso não é nada o meu género. No entanto, se tivesse esse poder providenciaria para que os professores reunissem mais, discutissem os programas, promovessem a interdisciplinaridade e coordenassem melhor a actividade lectiva. Tentaria articular melhor os professores para o que é essencial. Seria mais isto. A escola funciona bem pelo que não teria muito a acrescentar.

P: Para terminar, que imagem tem desta escola? Manifeste a sua opinião numa palavra ou numa expressão.

R: (Silêncio) Acho que em alguns sectores se nota alguma falta de união. Vejo grupos e algumas “turras”. Se calhar algumas coisas estão ultrapassadas como os programas que deveriam ser mais abertos. Se calhar poderia modernizar-se mais mas gosto de cá estar.

P: É uma escola com bom ambiente?

R: Dentro do que é possível, poderia ser melhor. Eu pessoalmente dou-me bem com toda a gente (risos). Tento fazer o possível por isso mas, em alguns aspectos, poderia ter melhor ambiente.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003